

O PROF. ERNESTO FARIA E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS ESTUDOS DE LATIM

Horácio Rolim de Freitas
UERJ – ABF – LLP

O Prof. Ernesto Faria foi um grande divulgador dos estudos latinos, tanto no magistério, como por meio de suas obras, e deixou-nos irrefutáveis argumentos sobre a importância do Latim para o domínio da língua portuguesa e enriquecimento de nossa cultura.

Particularmente, defendemos a tese de que um professor de nosso idioma, sem o conhecimento do Latim, apresentará, em geral, embasamento deficiente, insegurança na descrição dos fatos lingüísticos, principalmente nos campos da morfologia e da sintaxe. É claro que não se trata do domínio exclusivo do Latim literário, formal, erudito ou clássico, mas também do Latim corrente, fundamental para uma visão ampla da estruturação das línguas românicas.

Na bibliografia dos estudos latinos destaca-se o trabalho do Prof. Ernesto Faria por abrir novos horizontes no ensino secundário e no universitário, uma vez que hauriu as idéias da lingüística moderna de renomados mestres, como Meillet, Marouzeau, Bourciez, Meyer-Lübke, Havet, Jespersen, Väänänen, Serafim da Silva Neto, C. Bally para só citar alguns.

Em 1933, publica *A Pronúncia do Latim*, obra refundida e publicada em 1938, sob o título *Manual de Pronúncia do Latim*. Aí, compara a pronúncia no passado e no presente. A pronúncia chamada *tradicional*, adaptada ao sistema fônico das línguas: francês, inglês, italiano, português etc., e a pronúncia com base nos estudos da ciência da linguagem denominada *reconstituída* ou *restaurada*. Mereceu palavras elogiosas do lingüista francês Marouzeau.

Em 1941, dá-nos uma obra de valor pedagógico e didático inestimável: *O Latim e a Cultura Contemporânea*. Além de apresentar aspectos da preparação do professor de Latim, explicita as finalidades do seu ensino por meio dos objetivos pragmático, disciplinar e cultural.

Contudo, a sua grande contribuição aos estudos latinos viria em 1955 com a *Fonética Histórica do Latim*. Nessa obra o Prof. Ernesto Faria demonstra domínio do assunto, segurança na exposição e riqueza bibliográfica. De início,

faz um retrospecto da história da língua latina: parte do indo-europeu, fonte dos ramos lingüísticos, dentre os quais se acha o ítalo-céltico, destacando-se o ítálico, grupo a que pertenceram, principalmente, o latim, o osco e o umbro. Descreve os diversos idiomas e dialetos da Itália romana, ressaltando a civilização etrusca e, particularmente, a brilhante civilização helênica, cuja influência na literatura e língua latinas viria a ser notória. A seguir, passa ao estudo descritivo do alfabeto latino. Explica-lhe a origem e a história, comentando a procedência das letras. Trata da pronúncia com farta fundamentação, quer de gramáticos latinos, quer de especialistas no campo da lingüística românica. Estuda o acento, o vocalismo, as alterações fônicas, como apofonia, síncope, apócope, metátese; o consonantismo e os grupos consonantais. Destaque-se a riqueza das citações textuais comprobatórias dos exemplos apresentados. Pode-se afirmar que, em língua portuguesa, não há trabalho que se ombreie a esta obra do Prof. Ernesto Faria.

Além da homenagem ao incansável defensor dos estudos latinos no magistério fundamental e universitário, é oportuno relembrar as divergências que marcaram época sobre a pronúncia do Latim. Qual a correta a ser usada por alunos e professores: a pronúncia tradicional, com base no sistema fônico de cada língua, ou a pronúncia reconstituída pelos princípios advindos da ciência da linguagem? Não faltaram adeptos de uma e de outra, gerando daí várias polêmicas entre eminentes nomes da nossa cultura lingüística.

Não é nosso propósito opinar sobre qual a mais correta.

Os adeptos da pronúncia restaurada, como o Prof. Ernesto Faria e Serafim da Silva Neto arrolaram argumentos com base no desenvolvimento da ciência da linguagem, no século XIX, com a descoberta do sânscrito, com os estudos da gramática comparada e com o surgimento da fonética instrumental. A aplicação desses modernos estudos à língua latina produziu obras fundamentais, como: *La Prononciation du Latin* (1931), de Marouzeau; *Phonétique Latine* (1929), de Juret; *Manual de Pronúncia do Latim* (1938), de Ernesto Faria.

Foi também de grande importância entre nós, no desenvolvimento dos modernos estudos da linguagem, a presença, na Faculdade de Filosofia e Letras do Distrito Federal, de George Millardet, da Sorbonne, de Jacques Perret e de Jean Bourciez, da Universidade de Montpellier.

Os fundamentos norteadores da pronúncia restaurada podem ser assim sintetizados:

1º. A pronúncia do Latim deve representar a do período clássico de Cícero e de César, conforme a reconstituição feita por meio dos princípios advindos da lingüística moderna.

2°. ¹As vogais eram distinguidas pelo traço pertinente de altura (quantidade)²
 ā, ǣ, ē, ě, ī, ĭ, ō, ǒ, ū, ŭ

O Prof. Ernesto Faria³ cita Quintiliano: “Longa esse duorum temporum, breuem unius etiam pueri sciunt.” (A longa ter a duração de dois tempos e a breve a de um até as crianças o sabem).

3°. Os ditongos eram: /au/ aurum; /ae/ caelum; /oe/ poena; /eu/ Orpheus e, raríssimo /ui/ cui.

4°. Quanto às consoantes, há de observar-se: a letra c representava o fonema /k/ (oclusivo surdo) mesmo diante de /e/ ou /i/; a letra g o fonema oclusivo sonoro mesmo diante de /e/ ou de /i/.

5°. O h não constituía um fonema, era um sinal de aspiração em Roma para representar o espírito forte da língua grega, usado pela elite culta, como, por exemplo, na palavra ‘ὥρα, escrita *hora*, com aspiração da vogal inicial.

Era denominado, em latim, ah (com h aspirado). Na baixa latinidade pronunciou-se como um /k/, daí a escrita em certas palavras, como *nichil* por *nihil*. O nome da letra é representado, assim, em várias línguas *ach* (*ak*) e *hacca*: no italiano *acca*, no francês *hache*, no espanhol *hache* e, por imitação da pronúncia aspirada, *agá*, no português.

6°. O /m/ inicial e medial era uma oclusiva labial nasal, sendo, no final da palavra, um fonema tênue, mas consonantal, como demonstra a métrica latina, seguindo-se-lhe uma consoante.

O /n/ era um fonema labiodental articulado, inclusive, no final da palavra.

7°. O /r/ era um fonema pré-palatal cuja vibração levou os romanos a denominarem-no “canina littera”.

8°. O /s/, inicial, medial, intervocálico ou final, representava um fonema linguodental sibilante surdo. Sabe-se que, desde o séc. IV a.C. , o /s/ intervocálico, depois de sonorizar-se, sofreu rotacismo (cf. *amase* > *amare*). Ainda no período clássico esse fonema era representado tanto pela grafia –s- como por –ss-: *caussa*, *causa*; *cassus*, *casus*. Comprova-se esse fonema surdo também pela transcrição de palavras latinas no grego: *Sulpicius* em grego Σουλπίκιος; *Caesar*, grego: Κάϊσαρ.

¹ Niedermann – *Précis de Phonétique Historique du Latin*, Paris, Librairie Klincksieck, 1906, p.7.

² Herman, Joseph – *Le Latin Vulgaire*, Paris, Presses Universitaires de France, 1970, p. 36.

³ Faria, Ernesto – *Fonética Histórica do Latim*, p. 51.

Obs. Transcrevemos a citação da obra do Prof. Ernesto Faria. Contudo, a lição de Quintiliano é: “*Longa esse duorum temporum, breuem unius etiam pueri sciunt.*”

9º. O fonema /t/ era pronunciado como oclusiva linguodental surda, mesmo no grupo *ti* diante de vogal: *Iustitia*.

10º. O /u/ , grafado V, era “emitido com a boca apertada e os lábios pouco esticados para a frente”⁴

Os gramáticos latinos comparam a sua pronúncia ao ditongo grego –ou– como na transcrição do Latim para essa língua: Epicuros = grego *Επίκουρος*. Representa um fonema consonantal fricativo labiovelar⁵, como em *Valerius*, grego *Ουαλέριος*.

A cultura helênica introduziu entre os intelectuais a aspiração das consoantes gregas: *χ* , representada por –ch-, *ψ*, representada por –ph-, *θ*, representado por –th-, como nas palavras *sepulchrum*, *sulphur*, *thesaurus*.

Por outro lado, houve os que combateram a chamada pronúncia restaurada, defendendo o uso da pronúncia tradicional. Entre esses opositores destacamos dois eminentes mestres: Néelson Romero e Cândido Jucá Filho.

Cândido Jucá⁶ não considera o traço de intensidade distintivo no Latim, como apregoaram lingüistas, a saber: Lindsay, Laurand, Brugmann, Seelmann. Considera pertinente o acento de altura, lembrando, por exemplo, passagem de carta de Cícero em que esta cita a confusão de pronúncia entre a palavra latina *bini* e a grega *βίνει*, concluindo ser o acento latino-grego melódico, ou de altura.

É evidente a pertinência do traço de altura, diferenciador de palavras, como: *vĕnit* / *vēnit* (presente / perfeito), *mălum* (o mal) / *mālum* (maçã), *rōsa* (nominativo) / *rōsa* (ablativo); *pōpulus* (povo) / *pōpulus* (choupo, tipo de árvore). Essa explicação sobre a pronúncia na época clássica nos dá J. Herman: “La durée était un trait phonologiquement pertinent...”⁷. Mais adiante, nas páginas 44 e 45, Herman afirma: “Não resta dúvida de que o acento latino, depois do período clássico, sofreu modificações, sendo o traço de altura, no curso da evolução, substituído pelo acento de intensidade”.

Sobre o exemplo geralmente apresentado da palavra Cícero, transcrita em grego *Κικέρων*, com capa em lugar de sigma, explica o Prof. Jucá que se trata de transliteração, não de igualdade de pronúncia. Acresce o exemplo de palavras latinas escritas com /f/ e transcritas em grego por (φ), o que não significa que soavam igualmente. Como abonação, cita passagem de Meillet:

⁴ Faria, Ernesto. *Fonética Histórica do Latim*, p. 57.

⁵ Väänänen. *Introducción al Latin Vulgar*, p. 92

⁶ Jucá Filho, Cândido. *A Pronúncia Reconstituída do Latim*

⁷ Herman, Joseph. *Le Latin Vulgaire*, p. 37.

“Les oclusives non aspirées, soit sourdes (pi, tau, capa), soit sonores (beta, delta, gama) du grec ne devaient pas répondre exactement a P, T, C et B, D, G du latin”.⁸

São bem fundamentados os argumentos do mestre Cândido Jucá Filho, grande conhecedor da cultura e língua latinas e gregas.

Aproveito o ensejo para fazer um reparo, a bem da justiça, a uma afirmação feita pelo Prof. Jucá desairosa a Serafim da Silva Neto, na página 46.⁹ Ali critica a Serafim por ter arrolado entre os nomes masculinos em *-us*, a palavra *vinus*, sabendo-se que pertence ao gênero neutro: *vinum*. Realmente, no *Manual de Gramática Histórica Portuguesa*, de 1942, na p. 18, encontramos a seguinte lição: “Esse latim corrente lusitânico caracterizava-se pela simplicidade: nele não havia preocupação literária pois era uma linguagem usual. O vocabulário não contava palavras de cunho literário, mas apenas designativas de objetos e cousas cotidianas.” Aí, entre os vários exemplos, está a palavra *vinus*, forma masculina.

A citação de Serafim é fidelíssima; refere-se ao latim corrente, o *sermo usualis* em que a tendência ao desaparecimento do gênero neutro já se configurava. Os nomes neutros no singular passavam para o masculino, enquanto, no plural, terminados em *-a*, para o feminino. É antiga a lição de Grandgent: “En latín popular y tardio esta tendencia (neutros que pasaron a ser masculinos) era muy marcada”¹⁰; e cita *balneus, caelus, fatus, lactem, vasus, vinus* etc.

Encontramos em Petrônio farta exemplificação do gênero neutro substituído pelo masculino, na obra *Satiricon*.¹¹ Eis alguns: *caelus hic; totus caelus; Vix me balneus calfecit; Vasus fictilis*.

A pronúncia reconstituída não leva em conta os aspectos diatópicos e diastráticos. A aspiração do *h*, a pronúncia das consoantes aspiradas do grego: φ (ph), χ (ch), θ (th), por exemplo, só eram enunciadas na linguagem culta dos homens de letras e, assim mesmo, nos centros de erudição.

Diz-nos Serafim da Silva Neto que “o *h* não soava desde o tempo de Cícero. Escrevia-se mas não se pronunciava”.¹²

Muitas palavras tinham pronúncia e forma diferentes, como nas seguintes situações fônicas:

⁸ Meillet, A. *Esquisse d'une Histoire de la Langue Latine*, Paris, Librairie Hachette, 1928, p. 92.

⁹ Op. cit.

¹⁰ Grandgent. *Introducción al Latín Vulgar*, p. 216.

¹¹ Petrônio. *Satiricon*, p. 90, 96, 130.

¹² Silva Neto, Serafim da. *Fontes do Latim Vulgar*, p. 87

1. vogal longa e consoante simples: būca, pūpa, brūtu, stūpa;
2. vogal breve e consoante dupla: būcca, pūppa, brūttu, stūppa.

Comprova-se a diferença de fonemas, por exemplo, na evolução para o português: bruto não proveio de brūtu, mas de brūttu.¹³

Se a pronúncia do Latim reconstituída representa a língua de Cícero, César, Vergílio, Horácio, como seria a leitura de obras de Plauto, Terêncio, Sêneca, Tácito e outros?

É fato que o conhecimento da pronúncia real da maioria dos fonemas latinos, distanciados em séculos, sem a tecnologia hoje existente, torna-se difícil, ilusória e deficiente.

Daí a conclusão de Néelson Romero: “Ora, pronúncia reconstituída sem quantidade e sem acento não é pronúncia reconstituída.”¹⁴

Que a linguagem das pessoas cultas nos ambientes adequados, como, por exemplo, no Senado, apresentavam certo artificialismo no uso do *sermo eruditus* divergente do *sermo usualis* não há dúvida.

O próprio Cícero no ambiente familiar afastava-se da linguagem culta, o que se comprova pela leitura de suas cartas à esposa Terência. Como exemplo, citamos passagem da carta dirigida ao irmão Quinto, onde usa a forma popular *oricula* por *aurícula*: “*Oricula infima molliorem*”¹⁵ (Mais brando que o lóbulos da orelha). E, em outra ocasião, explica: “*Causas agimus subtilius, ornatius; epistulas vero cotidianis verbis texere solemus*” (Nos discursos aprimoro mais; nas cartas, porém, construo as frases com expressões cotidianas).

É oportuno lembrar que o fonema /u/ , em certa época representado pelo grafema V era pronunciado como fricativo labiovelar.¹⁶ A partir do século I d. C., o fonema passa a fricativo bilabial : Nerva = Nerba, em grego Νέρβα; Vervex = Berbex; Víbio, em grego Βείβιω.

Diz-nos Väänänen que, a partir dessa época, se confundem /v/ e /b/: *valeat* = *baleat*; *verus* = *berus*.

Outro estudioso que teceu inúmeros argumentos contra a pronúncia restaurada foi Néelson Romero.¹⁷ Considera irreconstituível a pronúncia do tempo de Cícero e César, pois se trata da pronúncia de um momento da língua que se

¹³ Silva Neto, Serafim. op. cit., p. 122.

¹⁴ Romero, Néelson. *Pronúncia do Latim*, p. 56.

¹⁵ Silva Neto, Serafim. *História da Língua Portuguesa*, 1ª. ed., p. 197.

¹⁶ Grandgent. op. cit. p. 203.

¹⁷ Romero, Néelson. *A Pronúncia do Latim*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1942.

extinguiu. Não se pode recuar no tempo. Aliás, lembra Romero, já os gramáticos romanos declaravam que seus contemporâneos pronunciavam diversos fonemas de maneira diferente do período da idade áurea.¹⁸ Explica, também, que mais tarde as pessoas cultas usaram o Latim como língua de cultura, sendo Cícero o modelo da linguagem exemplar, mas sem pretenderem reviver a pronúncia daquela época. Defende a pronúncia tradicional por não ser ela criada teoricamente nos gabinetes, mas por representar a pronúncia geral, comum, do Latim que chegou até nós. A rigor, não aceita a expressão *pronúncia clássica*, uma vez que *classicismo* traduz um gênero da palavra artística, literária, não prosódica. Apóia-se, aí, na definição de Jean Bayet: “Le classicisme est un équilibre, de pensée, de sensibilité et de forme, qui assure à l’oeuvre d’art un intérêt humain et une diffusion universelle”.¹⁹

Romero afirma que muitos confundem teoria com realidade. Não se tem noção perfeita da quantidade das vogais e das sílabas na pronúncia daquele período áureo. Aduz as palavras de Rebelo Gonçalves: “Na prática (a ciência) não conseguiu fazer dessa leitura uma chapa integral, porque é certo que não sabemos ler o Latim com rigor absoluto”.

A grande polêmica sobre a pronúncia do Latim, no campo didático, será útil aos discentes, tanto no ensino escolar como no ensino universitário? – pergunta Sílvio Romero.

Para responder a essa pergunta, traz a público lição de A. Meillet: “Dans l’enseignement secondaire, la prononciation traditionnelle a sans doute plus d’avantages que d’inconvénients... En matière de prononciation, il n’y a jamais de tradition continue d’un état ancien, mais, d’une part, évolution dans le parler courant, de l’autre, restauration discontinue dans la langue savante... Un Français ne peut, sans un dressage qui serait long et difficile, prononcer vraiment le latin à l’antique”.²⁰

Constatamos, assim, que a preferência por uma e por outra pronúncia do Latim mereceu a defesa de renomados estudiosos nacionais e estrangeiros. Entre nós, destacamos, a favor da pronúncia restaurada, Serafim da Silva Neto, Ernesto Faria et alii. A favor da pronúncia tradicional firmou-se Néelson Romero e, contra a restaurada, posicionou-se Cândido Jucá Filho. Não nos cabe tomar posição.

¹⁸ Idem, op. cit. p. 68.

¹⁹ Idem, op. cit. p. 77.

²⁰ Idem, ib. p. 29.

Se coubesse um árbitro da questão, sem dúvida, pela cultura humanística e profundo conhecimento dos estudos clássicos, seria merecedor dessa primazia o Pe. Augusto Magne.

Permito-me terminar este artigo com as palavras do sábio mestre, que sempre induzem a reflexão: “... para nós o que interessa no Latim é a sua literatura, sua virtude formadora do espírito. O Latim é uma língua escrita que acabou de ser pronunciada. Desviar o estudo do latim para questiúnculas de pronúncia reconstituída é desvirtuar aquela disciplina e tirar-lhe seu poder formador. É bom não esquecer, aliás, que nossa pronúncia tradicional do latim, desde que se emendem uns tantos senões, tem seus fundamentos numa autêntica pronúncia do latim – a do período imperial, isto é, da época da expressão maior daquele idioma. A preferência dada ao período clássico, mais afastado das origens românicas, é arbitrária e, sobre arbitrária, perturbadora.”²¹

Ao Pe. Magne se pode aplicar o pensamento latino:

Quod eruditus loquitur omnes consilium putant.

Bibliografia

- FARIA, Ernesto. *A Fonética Histórica do Latim*, Rio, Livraria Acadêmica, 1955.
- _____. *Manual de Pronúncia do Latim*, Rio, Briguiet Editores, 1938.
- GRANDGENT, C. H. *Introducción al Latin Vulgar*, 2ª ed., Madrid, Publicaciones de la Revista de Filología Española, 1952.
- HERMAN, Joseph. *Le Latin Vulgaire*, Paris, Presses Universitaires de France, 1970.
- JUCÁ (filho), Cândido. *A Pronúncia Reconstituída do Latim*, Rio de Janeiro, EPASA, 1943.
- LAURAND, L. *Manuel des Études Grecques et Latines*, Tomo III, Paris, Éditions A. et G. Auguste Picard et Cie, 1953.
- MAGNE, A. In: *Graeca et Latina*, n° 6/7, órgão da União Nacional de Cultura Greco-Latina, 1960.
- MEILLET, A. *Esquisse d'une Histoire de la Langue Latine*, 5ª ed., Librairie Hachette, 1948.
- NIEDERMANN, Max. *Précis de Phonétique Historique du Latin*, Paris, Librairie C. Klincksieck, 1906.

²¹ In: *Graeca et Latina*, n° 6/7, p. 34.

PÉTRONE. *Satiricon*, Paris, Librairie Garnier Frères, 1934.

ROMERO, Nelson. *Pronúncia do Latim*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1942.

SILVA NETO, Serafim da. *Fontes do Latim Vulgar*, 3ª ed., Rio, Livraria Acadêmica, 1956.

VÄÄNÄNEN, Veikko. *Introducción al Latin Vulgar*, Madrid, Editorial Gredos S.A., 1968.